



ARTIGO LIVRE

**DESENVOLVIMENTO
URBANO DOS BAIROS
FRADINHOS E MARUÍPE
PELO CAMINHO DA
HABITAÇÃO SOCIAL**

Luciana Nemer

*Professora da Universidade Federal Fluminense -
Departamento de Arquitetura e Programa de Pós
Graduação em Arquitetura e Urbanismo.*

Resumo

A capital do Estado do Espírito Santo, Vitória, se expandiu dentro da área insular e neste processo delimitou caminhos em direção à área continental. Fradinhos tem seu nome ligado à presença dos jesuítas, donos das terras da região. O bairro foi criado pela prefeitura de Vitória nos anos 60 do século passado e, na década de 1970, a COHAB (Companhia de Habitação) construiu casas, uma vila, que caracterizou o início da ocupação alavancada pela moradia social. A ocupação de Maruípe remonta ao período colonial tendo em vista que a ligação da ilha com o continente era somente realizada por via marítima ou pela Ponte da Passagem (1801), que ficava localizada na direção oposta à área central. O bairro herdou o nome da língua indígena, na qual, Maruípe significa Caminho de Mosquitos. Este caminho que cruzava o bairro é considerado a primeira estrada no município e, às margens da mesma, foram sendo construídas as habitações. O sinal inicial da ocupação no bairro de Maruípe por habitação social foi no relatório do Governo Estadual do Triênio 1930-1933 - O Município de Vitória sob o Regime Revolucionário, que descreve uma área de 215 lotes destinada aos menos favorecidos.

Palavras chave: Bairro, desenvolvimento, Fradinhos, habitação social, Maruípe.

A Paisagem Natural e a Habitação Social

A área onde hoje se encontram os bairros de Fradinhos e Maruípe, ambos residenciais, e o segundo abrigando também comércio, serviços e instituições públicas e militares, teve sua história da ocupação ligada a duas fazendas. A região se tratava parte de uma cidade que ficava fora dos seus limites coloniais, e, portanto, era considerada um arrabalde, termo que hoje seria substituído por subúrbio. No entanto, em função do desenvolvimento urbano que iniciou a partir dos anos 20 do século passado, se pode afirmar

Abstract

The capital of the State of Espírito Santo, Vitória, expanded within the island area and in this process outlined paths towards the continental area. Fradinhos has its name linked to the presence of the Jesuits, owners of the lands of the region. The neighborhood was created by the city's local government in the 60s and, in the 70s, the COHAB (Housing Company) built houses (a village) which characterized the beginning of the occupation leveraged by social housing. The occupation of Maruípe dates back to the colonial period, considering that the connection between the island and the mainland was only carried out by sea or by the Ponte da Passagem (1801), which was located in the opposite direction to the central area. The neighborhood inherited the name of the indigenous language, in which Maruípe means Caminho de Mosquitos. This path that crossed the neighborhood is considered the first road in the city and, on its margins, popular houses were progressively built. The initial sign of occupation in the Maruípe neighborhood by social housing was in the report of the State Government of the Triennium 1930-1933 - The Municipality of Vitória under the Revolutionary Regime, which describes an area of 215 lots destined for the less favored.

Keywords: Neighborhood, development, Fradinhos, social housing, Maruípe.

que atualmente a região faz parte de um todo contínuo da mancha urbana do município de Vitória.

Há 100 anos, no governo de Nestor Gomes (1920-1924), houve segundo Derenzi, em favor do crescimento da cidade, a desapropriação de parte dos terrenos do Barão de Monjardim para construir as estradas Fradinhos e Maruípe (DERENZI, 1995, p.155). No entanto Botechia (2018) afirma que a estrada de Maruípe antecede este período:



Figura 1: Projeto do Novo Arrabalde. Fonte: Arquivo Público do Estado do ES, 1896.

Na passagem do século XIX ao XX, a Ilha de Vitória progressivamente foi urbanizada. O núcleo inicial de povoamento encontrava-se, em 1896, restrito a cerca de 6% da área da ilha, nos limites dos atuais bairros Centro, Moscoso e Santo Antônio. As demais terras nos limites insulares podem ser descritas como de propriedade do governo ou de poucos particulares, tendo caráter suburbano/rural, como é o caso das fazendas. E as ligações entre o núcleo urbano inicial e o subúrbio se davam a partir de caminhos e estradas (BOTECHIA, 2018, p.37).

No “Esboço da Planta da Ilha de Victoria” é possível observar os quarteirões existentes em preto e projetados em vermelho, respectivamente Centro e Moscoso. Também é possível verificar, a olhos mais atentos, a nomenclatura “Morro do Frade” na

região onde hoje se localiza o bairro de Fradinhos e “Maruhype” escrito junto à linha que determina, pela legenda, um caminho para tropas. Há também de se observar, à margem desta linha, pontos pretos salpicados que marcam a existência de habitações na região. A área, um vale entre morros, é guarnecida de linhas de talvegue e, portanto também apresenta córregos.

Embora a urbanização do Bairro Jucutuquara (percurso natural para Maruípe e Fradinhos) tenha ocorrido na década de 20 do século passado, os caminhos já existiam. À margem do Morro do Cruzamento (figura 2 à esquerda), a antiga estrada, depois Rua Jucutuquara (hoje Rua Lisandro Nicoletti), com traçado paralelo à Avenida XV de Novembro (atualmente Avenida Paulino Muller), juntamente com esta desembocavam no ponto em que em meio a



Figura 2: Plano de Urbanização de Vitória - 1946. Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória.

grandes blocos de granito se dividia em dois ramos. O da esquerda se dirigia para Fradinhos e o à direita, vencendo o riacho, pela ponte de madeira sobre a fracassada Estrada de Ferro Vitória a Peçanha, atingia a ponte da Passagem por caminhos lindeiros a propriedades particulares, dentre elas a do Barão de Monjardim.

Ao relatar a formação do bairro de Jucutuquara Elton afirma que a primeira função da Avenida Paulino Müller era servir de acesso à Estrada Velha (atual Avenida Maruípe), que, na época era a única ligação por terra entre a ilha e o continente (ELTON, 1999, p. 24).

Na mensagem apresentada pelo Sr. Presidente do Estado do ES, Dr. Florentino Avidos ao Congresso

Legislativo, em 1923, Jucutuquara constava apenas da antiga rua desse nome com sete metros de largura, tortuosa, sem drenagem e desnivelada (GEES, 1928, p. 286).

De acordo com a mensagem, a principal artéria de Jucutuquara passou a ter 26 metros de largura, inclusive 4 metros do canal que a divide em dois leitos. Recebeu a linha de bondes da Praia Comprida construída pela Comissão de Melhoramentos (GEES, 1928, p. 286). A imagem a seguir a apresenta em primeiro plano, com o trilho e o canal e aos fundos a Pedra dos Dois Olhos.

Segundo Monjardim na parte central da grande montanha que separa Jucutuquara de Maruípe

ergueu-se o Solar Monjardim. Esse grande maciço que se inicia na Avenida Vitória e segue até o Pico do Frei Leopardi é conhecido em Maruípe por morro da Pedra Mole (MONJARDIM, 1995, p.56).

Hoje museu, o Solar Monjardim, localizado no bairro próximo, Jucutuquara, teve sua origem como sede da Fazenda Jucutuquara:

A residência começou a ser construída no final do século XVIII e teve sua obra concluída em 1805. Em 1816 a propriedade passou a pertencer à família Monjardim por ocasião do casamento de Ana de Paula, filha do capitão, com o Coronel José Monjardim (GEES, 2014).

Monjardim destaca quatro diferentes nomenclaturas para o mesmo acidente geográfico: Pico de Jucutuquara, Pedra dos Olhos, Pico João de Leão e Frei Leopardo ou Leopardi e justifica cada uma delas (MONJARDIM, 1995, p.74). Desta forma o primeiro se justifica por estar o acidente localizado na fazenda de mesmo nome e que na língua tupi: jucu-ita-quera, significa pássaro do buraco da pedra, pela conformidade da mesma que na face leste apresenta dois orifícios. Outra crença popular vem do nome derivar da palavra, também indígena, Yticu-tuquara que significa conchas suspensas pela sua forma, que acrescida dos referidos orifícios a nomeiam de Pedra dos Dois Olhos. Ainda o terceiro significado está relacionado a um possível exilado espanhol que ali se escondia cujo nome era João de Leão e por fim do Frade Leopardo, porque lembra um frade com capuz ou um leopardo sentado, dependendo do ponto que é avistada, também a Prefeitura Municipal de Vitória confirma esta versão.

O site da Prefeitura Municipal de Vitória assim justifica o nome Fradinhos:

O nome Fradinhos surgiu por volta de 1750. Na época três frades jesuítas (o francês Pierre de Bergue, o espanhol Alessandro e inglês Honeley) moravam num grotão, que hoje é conhecido como Sítio To-



Figura 3: Rio Jucutuquara e Pedra dos Dois Olhos. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.

dos os Santos. Durante o reinado de D. João I, dois frades foram repatriados pelo Marquês de Pombal, ficando apenas Honeley (PMV, 2019).

De acordo com Saiter o nome Fradinhos teria vindo de uma promessa:

Havia uma criança que na época era portadora de tuberculose, que foi medicada pelos jesuítas com remédio homeopático. Com a melhora, a mãe cumpriu a promessa de vesti-lo como um jesuíta. Os moradores do sítio Itaquara, hoje em dia Jucutuquara, curiosos identificaram que o fradinho morava dentro da grotá (SAITER, 2001, p. 1).

O acidente geográfico que bem caracteriza o bairro de Fradinhos é o Pico do Frei Leopardi e para Monjardim este se projeta quase no centro da Ilha de Vitória, ao se confrontar as distâncias de seus pontos extremos (MONJARDIM, 1995, p. 84). Até mesmo estudos recentes como o de Klug enfatizam o destaque deste elemento natural na paisagem, bastante citado pelos viajantes que estiveram visitando o litoral



Figura 4: Arredores do Solar Monjardim no Século XIX. Fonte: Maximiliano, 1989.

capixaba no século XIX, e que deve ter sua visibilidade garantida de diferentes pontos da cidade (KLUG, 2009, p. 76).

Derenzi ao citar os engenhos existentes na ilha no século XVII cita roças extensas em Jucutuquara ou Jocuquara, onde uma língua de mar sobe até a confluência dos rios Fradinhos e Maruípe (DERENZI, 1995, p. 61).

A descrição da propriedade por Saint-Hilaire, naturalista francês, que se hospedou no Solar Monjardim no início do século XIX, acrescenta informações importantes sobre a região:

A habitação de Jucutuquara, para a qual me dirigia, estava construída na localização mais agradável. Era grande, regular e erguia-se à meia encosta sobre o monte coberto de erva rasteira. Em frente à casa estende-se um vale cortado por um regato ladeado por montanhas cobertas de mato, a mais notável das quais era a que dá nome a própria habitação. Grandes rochedos estão dispersos pelo vale. Um en-

genho e choupanas de negros foram construídos à direita e à esquerda, abaixo da residência do dono. Na extremidade do vale, havia uma plantação de cana-de-açúcar, no meio da qual a vista pousa sobre um grupo de elegantes palmeiras; vêm a seguir os mangues; mais adiante se divisa parte da baía e, além, algumas montanhas que a limitam ao sul (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 39-40).

Também a imagem do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, que esteve em Vitória no período (1816), durante a sua expedição botânica ao litoral do Espírito Santo, descreve os arredores do Solar Monjardim no século XIX.

Na região de Fradinhos, que era uma antiga aldeia indígena, a Prefeitura Municipal de Vitória identificou um sítio arqueológico (BOTECHIA, 2018, p. 113-114).

Segundo Saiter (2001) a história que os jesuítas, ao serem expulsos, esconderam um tesouro sob uma laje, uma espécie de salão, em algum lugar da Pedra



Figura 5: Captação em Fradinhos. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória

dos Olhos ocasionou escavações que eliminaram importantes vestígios arqueológicos (SAITER, 2001, p. 3).

A ocupação de Fradinhos também está ligada ao abastecimento d'água. Os córregos Jucutuquara e Maruípe foram propulsores para o desenvolvimento da região. "O córrego Jucutuquara corta os bairros Fradinhos, Jucutuquara e Ilha de Santa Maria e é o segundo maior curso d'água da Ilha de Vitória, atrás apenas do Maruípe, também oculto. A ocultação do Jucutuquara ocorreu na década de 60." (CONÇALVES, 2019, p.1).

Conforme dados da PMV o bairro começou a ser ocupado na década de 1970, quando os herdeiros da família Monjardim, Varejão e Dalma Almeida, este último proprietário da maior gleba, cerca de 100 mil m², começaram a lotear o local (PMV, 2019).

Um conjunto de casas foi edificado na "entrada do bairro" pela COHAB (Companhia de Habitação). Em meados de 1960, o governo do estado, a partir de recursos do SFH (Sistema Financeiro da Habitação), inicia o desenvolvimento dos programas habitacionais sociais, no entanto, as iniciativas irão ocorrer fora da

área central e na parte continental do município em função do custo da terra.

Em 1965 foi criada a COHAB-VT (Companhia da Habitação de Vitória) com o objetivo de reduzir o déficit habitacional, contribuir com números que buscavam a redução da pobreza e proporcionavam mais segurança, conforto e dignidade à população de baixa renda. Destaca Cruz, que dez anos depois a companhia é transformada em COHAB-ES (Companhia de Habitação do Espírito Santo) por intermédio da Lei Estadual n° 3043 ficando esta vinculada à Secretaria de Estado e Bem Estar Social (CRUZ, 2010, p. 134).

A COHAB-ES construiu conjuntos habitacionais em cidades do interior do Espírito Santo e na grande Vitória. A capital demandava por um número maior de unidades, estas planejadas em conjuntos de maior porte. Na região central do município não havia lotes compatíveis com os mesmos, logo em Fradinhos foram construídas apenas casas e em Maruípe condomínios com blocos de apartamentos de pequeno e médio porte. Os grandes conjuntos seriam localizados em Jardim da Penha e Jardim Camburi.



Figura 6: Conjunto da COHAB em Fradinhos. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.

“As casas, construídas em 1973 - uma vila - contribuíram para movimentar a área. Fradinhos foi criado pela lei nº 1.689/66” (PMV, 2019). Localizadas na parte baixa do vale, às Ruas José Malta e Zemínio de Oliveira e ramificações eram conhecidas, afirma Saiter, como pombal. A autora descreve o “pombal” como constituído de casas pequenas, no estilo duas águas, com um único pavimento, seguindo o alinhamento da rua e todas branquinhas, assemelhando-se a casinhas de pombos (SAITER, 2001, p. 4). A figura 6 apresenta o conjunto.

A necessidade ampliada de moradia para trabalhadores se deu pela política contemporânea da industrialização efetivada a partir das décadas de 60/70. O reerguimento econômico do Estado se deu neste contexto. Em 1969 o decreto-lei federal 880 criou o FUNRES (Fundo para Recuperação Econômica do Estado do Espírito Santo) cujos recursos provi-

nham do Imposto de Renda e da dedução de 5% do ICM (CAMPOS JUNIOR, 1998, p. 27). Os recursos do fundo, geridos pelo Grupo Executivo para Recuperação Econômica do Espírito Santo (GERES) foram destinados ao setor industrial, agropecuário, turismo, pesca, serviços e comércio. O estado também se beneficiou do II Plano Nacional de Desenvolvimento, de descentralização que objetivava a industrialização das cidades de médio porte.

Diante deste quadro o governo necessitava adquirir terras e, em Fradinhos, relata Saiter, comprou uma grande área das mãos de terceiros que haviam adquirido de herdeiros do Barão de Monjardim (SAITER, 2001, p. 4). O bairro nasceu com características de bairro popular, no entanto, nos anos 80 seu perfil foi alterado, seja pela proximidade do Centro ou por se tratar de um local de beleza natural que refletiu na criação do Parque Estadual da Fonte Grande.



Figura 7: Conjunto da COHAB em Fradinhos. Fonte: Nemer, 2019.

Atualmente a vizinhança próspera, casas de médio e alto padrão, valorizou o conjunto da COHAB e ao visitar o local estas melhorias são visíveis em suas fachadas e coberturas. Ao todo são cerca de dez casas que guardaram as características arquitetônicas originais.

O Desenvolvimento Urbano e a Arquitetura dos Conjuntos Habitacionais

O bairro de Maruípe, também formado a partir de uma fazenda - a Fazenda Maruyphé, apresentou vocação para habitação social, no entanto, diferente de Fradinhos, abriga edifícios de serviços educacionais, da saúde e da segurança.

A urbanização de Maruípe, área de origem rural, se deu paulatinamente a partir do desmembramento das duas principais fazendas coloniais (além de sítios) – Maruípe e Jucutuquara, e ocorreu mais intensamente durante todo o século XX, quando se mesclam ações de agentes imobiliários privados, ações individuais e do Poder Público (BOTECHEIA, 2018, p.26).

As terras da fazenda de Maruípe, conforme Kulg, planícies arenosas a nordeste da ilha, foram



também o sítio físico encontrado por Saturnino de Brito para o Projeto de um Novo Arrebalde em 1896 (KLUC, 2009, p.27).

Em 1897, a fazenda Maruípe localizava-se ao lado da fazenda Jucutuquara, compreendendo uma área total de 4.620.000,00 metros² que se estendia do atual bairro Santa Cecília até a Ponte da Passagem. Durante o Império, a fazenda pertenceu ao Dr. Inácio Accioli de Vasconcelos, ouvidor da comarca de Vitória, nomeado por D. Pedro I para o governo do estado. (MONJARDIM *apud* VIEIRA, 2019, p. 1).

Vieira acrescenta que Maruípe foi formado a partir de glebas pertencentes aos herdeiros do Barão Monjardim e por outro loteamento - Nossa Senhora da Consolação, em Gurigica e ainda pelas invasões nos morros e mangues. Afirma o autor que em alguns livros e recortes de jornais consta como proprietários de parte da Fazenda um nobre inglês, Mr. Bhering, que ao falecer não deixou herdeiros passando as terras ao domínio do estado. (VIEIRA, 2019, p.1).

Também Nestor Gomes era proprietário em Maruípe. Derenzi cita que Nestor Gomes tomou interesse marcante pelas estradas suburbanas, melhorando algumas e construindo outras como a de Fradinhos e



Figura 8: Sanatório Getúlio Vargas. Fonte: UFES

Maruípe, acrescenta o autor que o governador residia em Maruípe (DERENZI, 1995, p. 173). A Estrada de Maruípe foi sendo, segundo Botechia, retificada e urbanizada, convertendo-a em avenidas (BOTECHIA, 2018, p. 61). A Ponte Maruípe (atual Ponte da Passagem) na extremidade da estrada, e que faz ligação com o continente, foi durante vários governos reparada.

Para a autora o eixo Maruípe é “um trajeto matriz” com basicamente duas tipologias de edificação agregadas: o “tipo-base” formado por edificações ordinárias postas em fileira, associadas diretamente às margens do trajeto; e o “tipo edificação especializada” (o Solar Monjardim, a escola, a fábrica, o hospital e o quartel) implantados desassociados do percurso principal, em lotes localizados em pontos mais altos e dependentes de trajetos secundários (BOTECHIA, 2018, p. 139).

As três primeiras edificações especializadas localizam-se em Jucutuquara, e as duas últimas em Maruípe. A construção do Sanatório Getúlio Vargas,

atual Hospital das Clínicas, ocorreu na década de 40 do século passado.

Já o quartel, figura 9, foi transferido para o bairro durante o período da intervenção (1930-1945), anteriormente era localizado junto ao Parque Moscoso.

O horto de Maruípe é contemporâneo ao quartel no bairro. Conforme Vieira, na década de 1930, o então presidente do Estado, Aristeu Aguiar, ao tomar conhecimento da existência do pequeno horto, que fazia a arborização da cidade, o desmembrou de parte da fazenda e o projetou como um jardim botânico (VIEIRA, 2019, p. 1).

De acordo com Marvilla o Parque Municipal Horto de Maruípe, com 60.000m² de área, foi criado em 1995. Possui uma coleção botânica predominantemente de espécies da Mata Atlântica, assim como numerosas espécies já adaptadas ao nosso clima. Os elementos paisagísticos desse parque são as palmeiras seculares, o bromeliário, que concentra uma grande variedade de espécies endêmicas do Brasil,



Figura 9: Quartel de Maruípe.
Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória

e o recanto do lago, cujo paisagismo baseia-se na grande diversidade de plantas do local, que convidam à contemplação (MARVILLA, 1998, p. 31).

Para os moradores de Fradinhos e Maruípe, estas duas áreas verdes, o Parque da Fonte Grande e o Horto de Maruípe, são áreas de lazer e espaços para contemplação que valorizam os bairros e atende a população de todo o município.

A construção de casas populares em Maruípe é noticiada desde 1933. “A prefeitura, ciente da existência da ocupação nos morros, subdividiu uma área no Bairro do Maruípe e a destinou aos pobres. Os menos favorecidos tinham o direito de ocupar para residir um dos 215 lotes da Villa Maruhype sem precisar pagar pelo terreno, no entanto, precisariam arcar com o custo da construção.” (GEES, 1933, p. 149). O texto *do O Município de Vitória sob o Regime Revolucionário – Triênio 1930-1933* assim descreve o projeto:

Bairro Operário: um dos serviços de maior benevolência, deixados pelo Dr. Asdrúbal Soares, é a

criação deste bairro destinado à pobreza. Tendo a administração do município proibido a construção de palhoças nos morros que circundam o centro urbano, na Praia do Suá ou Santa Lúcia, necessário era que se resolvesse de pronto a localização da pobreza em ponto acessível e ao mesmo tempo próximo da cidade. O Estado cedeu uma área de terreno em Maruípe, com 90,537 m². Pela comissão de cadastro foi feito o projeto de arruamento e loteamento (figura 10). A construção é inteiramente livre e a nenhum imposto ou taxa ficam sujeitos os moradores. A Prefeitura concede os lotes desde que seja provado o estado de miserabilidade do pretendente e as casas são construídas pelo interessado mantendo apenas o alinhamento dado previamente pela Diretoria de Obras. As pessoas inteiramente sem recursos concede a Municipalidade não só o terreno como a própria casa. Água farta em todos os cantos, local alto e saudável. O número de construções já acabadas é de 162. Lotes vagos: 118. Homens: 122. Crianças: 187. Total: 427. (GEES, 1933, p. 149).

Sobre a Villa Maruyphé Miranda *apud* Botechia afirma ter sido: elaborado pela empresa Santos Soares & Paiva, composto por 209 lotes, de 200 m² em média, representado à escala 1/1000 pelo Cadastro Territorial de Vitória e de autoria de Asdrúbal Martins Soares, prefeito de Vitória (BOTECHIA, 2018, p.67).

Vieira informa que, em 1930, a firma Santos Soares e Paiva, aprovou o loteamento Vila Maria, com 209 lotes e área total de 90.537m². Atualmente este loteamento está inserido entre Tabuazeiro e Eucalipto (VIEIRA, 2019, p.1). Logo o loteamento abordado em GEES, Miranda e Vieira pode ser o mesmo. Ao se analisar o Mapa Distrito de Vitória, elaborado na escala de 1:25.000 é possível visualizá-lo principalmente pelo seu desenho urbano, característico das cidades jardins.

O traçado do loteamento com uma praça central e seis ruas lembra as cidades jardins Ebenezer Howard, que tinham uma estrutura radial com seis bulevares que a cruzavam até a periferia, dividindo-a



Figura 11: Distrito de Vitória.
Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.



Figura 10: Villa Maruhype.
Fonte: Arquivo Público do Estado do ES, 1933.

em seis partes iguais e no centro um jardim. A figura 12 o representa: mapa da Verticalização Imobiliária em Vitória, que demonstra em laranja edificações de 4 a 7 pavimentos.

Acrescenta Vieira que à medida que área de Maruípe foi sendo ocupada e parcelada, diminuiu progressivamente a abrangência do que se convencionou chamar bairro Maruípe. Isto pode ser explicado pelo fato de novos parcelamentos possuírem outros nomes como: Santa Cecília, Penha, Itararé, São Cristóvão, Tabuazeiro, entre outros. (VIEIRA, 2019, p.1).

Segundo Botechia a Vila Maria estava quase que completamente implantada em 1946 e alternavam-se lotes urbanos e rurais com áreas variadas (BOTECHIA, 2018, P. 68). A informação da autora é reforçada pelo mapa Projeto de Urbanização executada

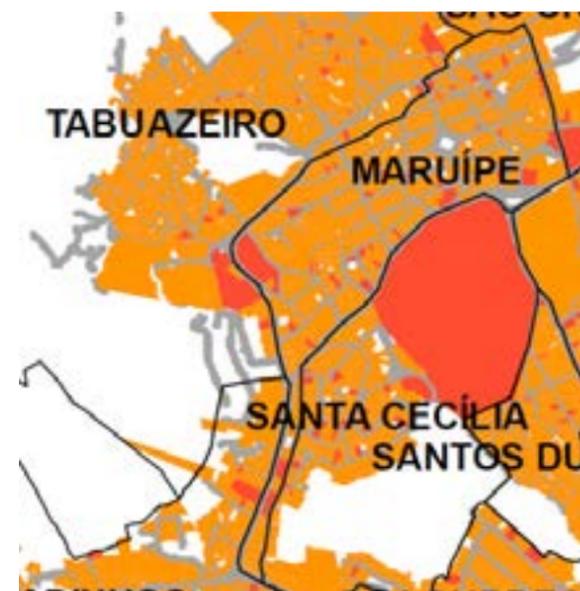


Figura 12: Verticalização Imobiliária em Vitória.
Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória, 2019.

do sobre a Planta Cadastral da Cidade de Vitória em 1947 na escala 1:2000.

“Os nomes Maruípe e Vila Maria também são citados pela Associação de Moradores quando na década de 60 tentou-se imputar ao pedaço o nome de Vila Maria, influência religiosa que não perseverou” (VIEIRA, 2019, p. 1).

A Associação de Moradores relata em sua página que o nome anterior do bairro era Muxinga, uma relva da qual os cavalos se alimentavam ou chicote, açoite também ligado à criação de equinos. Mas, o lugar ficou conhecido pelo nome Maruípe, nomeando a estrada, derivado do maruim, um mosquito. Para os moradores era constrangedor ser identificado como habitante de uma área infestada de mosquitos. A palavra Maruípe’ é derivada do tupi-guarani, e significa “Mosquito no Caminho” (VIEIRA, 2019, p. 1).

A influência religiosa no bairro se verifica no nome dado a praça: São José Operário. Também se ressalta o fato do santo operário em um bairro pro-



Figura 13: Recorte - Projeto de Urbanização. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.

pulsor para habitação de baixa renda, ou seja, para a classe proletária. A figura 14 a apresenta juntamente com a igreja.

No cadastro imobiliário da PMV, constam dois loteamentos localizados próximos a Vila Maria. O primeiro de 1957 - propriedade do Sr. Américo Martins Figueiredo, e o segundo, sem dados sobre o proprietário, com área total de 18.272m² (VIEIRA, 2019, p. 1). “Nas proximidades do loteamento Villa Maruyphé, as primeiras quadras lindas à avenida não estão executadas, embora aquelas situadas em cota superior já estivessem.” (BOTECHIA, 2018, p.67-68). A autora justifica a afirmação pela necessidade das obras de infraestrutura da Avenida que ainda não haviam sido realizadas. O recorte da planta do Plano de Urbanização de Vitória realizado pela ETUC (Empresa de Topografia Urbanismo e Construções Ltda) em 1946 (figura 15) mos-



Figura 14: Praça São José Operário.
Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.



Figura 15: Recorte - Plano de Urbanização de Vitória.
Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.



Figura 16: Casas para operários em Maruípe. Fonte: Arquivo Público do Estado do ES, 1933.

tra esta ausência de ligação do loteamento com a Avenida Maruípe. Outro ponto de destaque feito por Botechia é o fato de nos quarteirões mais afastados do eixo as casas são isoladas, enquanto na avenida as casas são diretamente voltadas para a rua (BOTECHIA, 2018, p. 74). Tal afirmação faz valer a regra do acesso aos transportes e serviços, assim os lotes mais afastados ganham maior metragem quadrada para, ainda assim, se tornarem atrativos.

Em pesquisa de campo localizar a Villa Maruype não demandou dificuldade em função do desenho urbano que possui longa permanência no tempo, no entanto, as casas para operários em Maruype, três imagens que constam no relatório *Governo do Estado do Espírito Santo e Prefeitura Municipal de Vitória - O Município de Vitória sob o Regime Revolucionário - Triênio 1930 -1933*, apresentadas na figura a seguir, ainda se encontram em fase de levantamento de possíveis localizações. A disposição em fileira e a comparação com marcação dos imóveis na Planta Distrito de Vitória, figura 11, norteou a pesquisa, porém, por não se tratar de casas geminadas, que confere a característica de conjunto e facilita a localização, em função do número reduzido de casas, pela fotografia apenas cinco, e também em função do tempo decorrido, aproximadamente 90 anos registra-se a seguir das fotos antigas, fotos atuais desta autora de edificações no bairro Maruípe que

guardam traços da arquitetura que remete as casas do relatório do governo.

Das seis a que mais se assemelhou, não em função do acabamento do telhado, mas sim do friso na fachada e da cota mais alta em relação à rua foi a posicionada à direita e abaixo no conjunto da figura 17.

Posteriores as casas, os blocos de apartamento marcaram a paisagem do bairro de Maruípe. Com imóveis mais acessíveis e financiados pelo BNH (Banco Nacional da Habitação) e em seguida pela CEF (Caixa Econômica Federal), levaram população operária para o bairro, agora ocupando conjuntos habitacionais.

O Residencial Orion, de 1972, é representante da arquitetura moderna no bairro; especificamente seu endereço aponta para Fradinhos; possui apartamentos sem garagem, blocos com quatro pavimentos dispostos em U em relação à rua, com janelas de madeira apresentando bandeiras em veneziana e Cobogós cerâmicos na circulação vertical. Interessante notar a diferença na quantidade de veículos e a presença dos aparelhos de ar-condicionado, confortos da vida moderna que não cabiam no orçamento das classes baixas nos anos 60/70 do século passado.

O conjunto na Avenida Maruípe, em frente à Praça Vicente Guida, é composto por 64 apartamentos locados em blocos de quatro andares e apresenta



Figura 17: Casas em Maruípe. Fonte: Nemer, 2019.

solução arquitetônica de fachadas de maior simplicidade que o anterior. Também utiliza esquadrias de madeira e Cobogós cerâmicos nas circulações verticais, estas são encimadas pela caixa d'água que confere destaque a mesma.

O período da construção é o mesmo do da Rua José Cassiano dos Santos, indetectável pelos automóveis, mas também pela assinatura de Mazzei, fotógrafo responsável por diversas imagens de Vitória nos anos 70. Mazzei também é o autor da próxima fotografia e da figura 6 deste artigo.

Os blocos são assim nomeados: 1 – Armando Rabelo, 2 – Milton Caldeira, 3 – Philocomiro Lanes e 4 – Antonio Dias de Souza. Alguns guardam a numera-



Figura 18: Conjunto na Rua José Cassiano dos Santos nº 215. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória / Nemer, 2019.



Figura 19: Conjunto na Avenida Maruípe nº 1338. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória / Nemer, 2019.

ção antiga e a nova na fachada, como o 2 (30 – antiga, 1383 – atual) e o 4 (50 – antiga e 1423 – atual). Novamente se observa a solução para o abrigo de automóveis tanto nos portões de garagem entre blocos, como no aviso à frente das vagas do bloco 1, que não pode ser cercado em função do afastamento da avenida. O estado de conservação se difere bloco a bloco, o que faz concluir que são condomínios independentes. Ainda em Maruípe se destacam outros dois conjuntos que se pode classificar como de médio porte: Residencial Alfredo Chaves na Avenida Coronel José Martins de Figueiredo nº 265, especificamente a sua localização já é o bairro de Tabuazeiro e Residencial Antônio Dias de Souza na Avenida Adolfo Cassoli nº

1575, este em Maruípe. Esta proximidade e mudança na nomenclatura do bairro foram citadas neste artigo na fala de Vieira.

Conclusões

O bairro de Fradinhos e de Maruípe estão relacionados ao processo de ocupação que sofreram ao longo de sua história, de fazendas às áreas urbanas consolidadas foram berço da habitação social moderna dentro da região insular do município. O bairro de Fradinhos, um vale, que na sua porta de entrada foi ocupado inicialmente pela COHAB, mudou completa-



Figura 20: Conjunto na Avenida Maruípe – fachadas laterais. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória / Nemer, 2019.

mente o perfil social tornando-se moradia de classes média e alta.

Ambos, Fradinhos e Maruípe possuem paisagem natural carregada de símbolos, como a Pedra do Frade e áreas verdes relevantes para Vitória, como o Parque da Fonte Grande e o Horto de Maruípe. Os rios, mesmo canalizados, retomam a questão do abastecimento e do sanitarismo.

O eixo Maruípe, ou Avenida Maruípe, tão estudada desde caminho para as tropas, como a nomeou Saturnino de Brito, à ligação arterial municipal, é relevante nos fluxos do transporte.

Embora Maruípe tenha sido, em 1933, o lugar para instalação da pobreza, o bairro evoluiu e acomodou em sua estrutura urbana serviços importantes para a cidade em prédios institucionais. Quanto à habitação, se apresenta diversificada, das classes mais baixas à média.

Os conjuntos habitacionais contribuíram para a dinamização do bairro, incrementando o quantitativo populacional e, portanto, demandando acréscimos no comércio, serviços e transportes.

As intervenções das décadas de 30 a 70, com vistas às habitações promovidas pelo governo, contribuíram efetivamente para a transformação dos bairros através de uma miscelânea de linguagens edíficas e traçados urbanos que refletem os diferentes períodos de suas histórias.

Referências Bibliográficas

- BOTECHIA, Flávia Ribeiro. *A forma indelével: um estudo sobre a persistência morfológica em Maruípe*. Vitória: Edição do autor, 2018.
- CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de e NEVES, Luiz Guilherme Santos. *A Casa Edificada*. Vitória: INOCOOP-ES, 1998.
- CRUZ, Patrícia Stelzer. *Território da Mobilidade Urbana na Metrópole*

Portuária da Grande Vitória. M.Sc., PPGAU/UFES, Vitória, ES, Brasil, 2010.

DERENZI, Luiz Serafim. *Biografia de uma Ilha*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.

ELTON, Elmo. *Logradouros Antigos de Vitória*. Vitória: Edufes e Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

GEES – Governo do Estado do Espírito Santo. *Mensagem apresentada pelo Senhor Presidente Florentino Avidos ao Congresso Legislativo, entre Demais Feitos do Quadriênio de 1924*. Victoria: Imprensa Estadual, 1928.

GEES - Governo do Estado do Espírito Santo – *Museus – Museu Solar Monjardim*. Disponível em: <www.sefaz.es.gov.br> Acesso em: 18 maio 2014.

GEES – Governo do Estado do Espírito Santo e Prefeitura Municipal de Vitória. *O Município de Vitória sob o Regime Revolucionário – Triênio 1930-1933*. Rio de Janeiro: Alba Gráficas, 1933.

GONÇALVES, Letícia. Águas passadas: os rios que viraram história no cotidiano capixaba. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/06/guas-passadas-os-rios-que-viraram-historia-no-cotidiano-capixaba-1014065869.html>> Acesso em: 20 dez. 2019.

KLUG, Letícia Beccalli. *Vitória: Sítio Físico e Paisagem*. Vitória: EDUFES, 2009.

MARVILLA, Miguel. *Jardins de Vitória*. Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 1998.

MONJARDIM, Adelpho Poli. *Vitória física: geografia, história e geologia*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1995.

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória. *Vitória em dados – Fradinhos*. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/fradinhos.asp>> Acesso em: 20 dez. 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. São Paulo: Itatiaia, 1974.

SAITER, Anna. *Fradinhos*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

VIEIRA, Aguinaldo Fritoli. *Maruípe - Histórico do Bairro*. Disponível em: <<http://www.amomaruipe.com.br>> Acesso em: 20 dez. 2019.

